

joycealboueg@gmail.com

Professor da Universidade Estadual de Goiás – Cidade de Goiás

O mundo tem se tornado cada vez mais constituído de pessoas superficiais, focadas no corpo, no dinheiro e no trabalho. O narcisismo, os desvalores, as mediocridades, as pseudo-filosofias, os herotismos compõem o cenário que vivemos, como nos alerta Horieste Gomes, na obra “Caminhos para a Re construção do homem”. A religião, a saúde, educação e a política tem tido cada vez mais desafios ao lidar com as consequências dessa mudança social, a partir de padrões de consumo capazes de ditar o que têm sido essencial e o que têm se perdido. Estariam as pessoas ainda realmente interessadas no que as religiões têm a nos dizer? As igrejas ainda permanecem lotadas. Mas de fato, na prática o que essas construções teológicas representam para a sociedade? Ainda possuem um valor de cunho humanista, crítico e formativo?

Diante de tal complexidade, a percepção e a visão ecumênica de mundo das religiões mais diversas é algo que pode ser ponto de partida para amenizar os impactos de uma sociedade altamente tecnológica e pouco dialógica. O que as religiões têm a ensinar para o mundo? Essa pergunta já foi realizada pelo grande estudioso Carlos Rodrigues Brandão. Nesse limiar, eu que aqui escrevo, com origem em uma periferia do Centro-Oeste do Brasil, em área de Cerrado, rodeada por amigos, familiares e conhecidos provenientes de diferentes formações religiosas, venho por meio desta resenha trazer algumas provocações que são pertinentes à questão religiosa e a preocupação com nossas complexidades filosóficas.

Uma das primeiras provocações que apresento é um desafio pensado por Leandro Carnal²: “O maior desafio hoje das igrejas é cristianizar os cristãos”. Pois a ideia de cristianizar índios e negros ficou no passado. E por outro lado, retomando elementos do passado, o mesmo filósofo destaca: “Um dos encantos da religião é o arcaísmo”. Há mais fiéis religiosos hoje do que a dez anos atrás. As missas do Papa Francisco arrastaram multidões, encontros da juventude ainda congregam uma massa considerável de pessoas. Além das passeatas de fé midiática como a “Marcha para Jesus” em São Paulo, as missas cheias de Trindade-Go, os louvores de Padre Marcelo Rossi, etc.

¹⁰O autor Marcelo Barros é monge beneditino, teólogo e escritor. Assessora movimentos populares como o MST e as comunidades Eclesiais de base. Teve amizade com mãe Stella de Oxóssi e faz parte do Ogã de Yansã no Opô Afonjá. Este livro é o seu 64 livro publicado.

² Filósofo, palestrante que discute temas diversos no yo tube.(fb.com/leandrokarnaladmiradores)



BORGES, J. A.

OS SEGREDOS DO NOSSO ENCANTO - O que a fé cristã pode aprender com as espiritualidades indígenas e negras.

| Resenha

Outra questão que considero amalgamada a essa discussão é a adaptação pessoal das pessoas a um “Deus” que sirva exatamente ao número e perfil de cada pessoas. Os discursos semânticos e capitalistas em adesivos automotivos: “Esse carro pertence a Jesus”, “Foi Deus que me deu”. Além da construção positivada de um Jesus, muito bonzinho e amigo: “Jesus é fiel”, “Deus é dez”, “Jesus é legal” para se aproximar da juventude e o “Jesus crucificado” está em baixa, e Deus se mistura as teorias míticas, animistas e ganha diferentes conotações, como no Vale do Amanhecer no Entorno e Brasília.

Minha origem familiar teve referências de cunho católico, e de pessoas mais ligadas ao cristianismo tradicional. Sob um paradoxo de ter tido um avô materno baiano, ateu, e de outro lado, um avô paterno que era ministro da eucaristia. Minha mãe chegou a morar em um convento de freiras em Goiânia, de lá saiu para pensar se seguiria de fato com os votos religiosos, porém, nesse intervalo, conheceu meu pai, e se casou. Já minha vó paterna, era muito católica, daquelas fervorosas a qual passava a noite de joelhos rezando o terço e pedindo a Deus por todos da família. Ensinou os filhos e netos a se manterem na fé e a buscar viver os preceitos do cristianismo.

Sendo eu, uma menina parda, filha de um casamento inter-racial, de mãe negra e pai branco, procurei uma síntese filosófica e teológica para dar conta de meus anseios e inquietações. Penso que dessa origem de miscigenação, soou forte a influência do catolicismo, mas de um modo ou de outro o que vinha das populações indígenas e negras se fizeram muito presentes em meu cotidiano, no que se refere não propriamente as crenças religiosas, mas as crenças da cura por meio das plantas medicinais, dos saberes ancestrais, que de um modo ou de outro, nos faz sujeito em crescimento, e nos ensina no cotidiano a sempre buscar estes saberes, seja no cuidado com a alimentação, com a forma de cuidar de minha filha, o uso de remédios mais naturais, o cuidado do quintal, enfim.

Nessa busca ainda me deparei com obras da Teologia da Libertação, na escrita da tese, de doutorado, li alguns autores que me fizeram refletir sobre o papel das religiosidades, a origem filosófica de algumas correntes, com Dêlcio Monteiro no livro “os demônios descem do norte”, além de críticas ao capitalismo e sua relação com as igrejas evangélicas, por exemplo, a partir de Max Weber, bem como outros nomes como Michel Lowy, na obra “A guerra dos deuses”. Para tanto, ainda, Frei Betto que descreve brilhantemente a história de luta de lideranças religiosas e as perseguições realizadas durante a ditadura no livro “Batismo de sangue” e as reflexões de Leonardo Boff ao pensar o caminhar da igreja junto aos oprimidos, além de sua metáfora da “águia e a galinha”, que também nos incita identificar alguns elementos que nos conduzem a um modo de ser e viver menos submisso.

Entre as leituras que me acompanharam na escrita da tese, vieram as minhas mãos os textos de Marcelo Barros. A priori, com a obra de um romance “A noite do maracá”, que ressalta alguns cenários na Cidade de Goiás, com personagens ligados a cultura negra, indígena e a classe



dominante do lugar. Os diálogos demonstram uma certa mistura entre o conhecimento popular da região, a fé, os espíritos e o jeito de experienciar a religiosidade a partir dos indígenas e aponta questões para pensarmos a história religiosa do Brasil e dos habitantes do Cerrado.

Focando a partir de agora na obra “Os segredos do nosso encanto- O que a fé cristã pode aprender com as espiritualidades indígenas e negras”, Marcelo Barros nos apresenta elementos ligados tanto ao candomblecismo, a umbanda e ao catolicismo popular, sobretudo a partir de suas vivências na Cidade de Goiás, em outras localidades, e no contato com pessoas do campo. Na diversidade dos territórios religiosos da Cidade de Goiás, observamos a presença forte de elementos culturais das Folias de Reis, a Folia Mineira presente na região do “Rio Caiapó”, as rezas, as procissões da Semana Santa³, as novenas de São Pedro da Dona Chica do Alto do Santana, bem como as Folias do Espírito Santo, no entorno da Praça do Chafariz, as festas Juninas da Rua do Capim, e a Novena de Santa Rita de Cássia na festa da “Ritinha”, localizada no bairro João Francisco. Entre outras práticas culturais e religiosas destacamos o Centro Espírita Bezerra de Menezes, no centro da cidade, na rua do Hospital São Pedro, a Tenda Espírita de Vovó Rita, a Morada de Oxóssi, a casa de Umbanda Nossa Senhora Aparecida, localizada no Setor Aeroporto. Além do trabalho desenvolvido pela Vila Esperança, com a presença do babalorixá Robson Max, à frente da Escola *Odé Kayodé*, a 30 anos, situada a frente do Mosteiro da Anunciação. No dia 04 de dezembro, desde 2023 realiza-se da Igreja do Rosário até a Igreja Santa Bárbara o Cortejo de *Oyá*, como símbolo de resistência das igrejas de matriz africana. Ainda, as igrejas maiores evangélicas destacam-se a Igreja de Cristo e Assembleia de Deus, e outras como a Igreja do véu, a Igreja adventista do sétimo dia, Deus é amor e Casa da benção.

O que essas práticas têm a relacionar com as religiosidades negras e indígenas? Como elas conduzem nossas práticas de fiéis e religiosos e religiosas participantes ao ponto de acrescentar algo em seus momentos de fé e espiritualidade? Para Luiz Felipe Pondé, do ponto de vista histórico o conceito de espiritualidade nasce no século XVII, no catolicismo francês. A princípio como conhecimento prático que se relaciona com a experiência de intimidade com Deus. De forma mais geral, seria uma busca humana por significado e propósito na vida, frequentemente conectada a algo maior do que o indivíduo, podendo ou não envolver crenças religiosas.

Marcelo cita o “*Odu*” - caminho espiritual que pode ser bem conduzido por meio de experiências que elevem nosso conhecimento e nossas ações a partir de uma boa relação com a “Mãe Terra (Patchamama). Em suas experiências, Marcelo Barros destaca que, a força com que os indígenas buscaram superar sua história, sua realidade de luta territorial se deu por meio de crenças,

³A mais famosa das procissões de Goiás, a Procissão do Fogaréu, realizada na quarta-feira da Semana Santa, se tomou um espetáculo da fé no município e recebe turistas para esta atividade religiosa de vários locais do Brasil e do mundo.



rituais e místicas indiscutivelmente fundamentais para suas permanências nessa trajetória de comunidades Abyá Ayala⁴.

A obra de Marcelo Barros, divide-se em três partes⁵, composta por 4 capítulos. A primeira, intitulada “Ver” traz elementos da espiritualidade dos povos originários do Brasil. No primeiro capítulo a discussão se bifurca entre as origens das teologias indígenas e negras em relação as teologias afro cristãs de libertação. Neste primeiro momento, é importante a informação traga pelo autor de que 70 milhões de indígenas foram exterminados em 4 séculos, o que pode ser considerado como maior massacre da história. Sendo assim, o autor aponta capacidade de resistência das populações indígenas. E reforça que necessitamos superar o sofrimento e a dor imposta pelo cristianismo para que possamos construir uma vida com carga em menores dosagens. Destaca ainda, que foi o modo de vida comunitário que fortaleceu estes indígenas e possibilitou com que os mesmos se reelaborassem na complexidade do mundo contemporâneo.

Nessa primeira parte destaca-se alguns costumes e rituais indígenas como o Ayahuasca⁶, o Xamanismo, e o culto a Jurema⁷ que misturam um momento religioso, de cura com a reflexão da importância de se respeitar a natureza a partir do contato com nossa ancestralidade. E ainda, cita o “*buen vivir*” e as ideias para adiar o fim do mundo (Ailton Krenak) como propostas filosóficas.

Nesta parte, o CIMI (Conselho Missionário Indigenista) é citado como elemento importante para trabalhos serem realizados no cristianismo de uma visão mais indigenista, além de outros conselhos, grupos de teologia, campanhas católicas que colocassem a figura indígena como central nas discussões da igreja, campanhas, etc.

A partir da leitura de Leonardo Boff, Marcelo Barros descreve a origem das religiões afrobrasileiras a partir dos 10 milhões de negros escravizados, o culto aos orixás, seus costumes que passaram a ser ressignificados com a vinda forçada dos negros a América. Destaca as principais regiões da África onde os negros daqui são oriundos como Nigéria, Daomé, Gana, Angola, Moçambique e Congo. O sincretismo religioso aparece como alternativa para esconder e resistir as crenças negras. Ressalta que no Brasil, muitos pais de santos possuem alguma aproximação com o cristianismo.

⁴Termo assumido pelas comunidades populares para tratar todos os povos indígenas da América Latina.

⁵As três partes do livro lembra o título do lema “ver, julgar e agir” criado pelo padre belga Joseph Cardijn, fundador da Juventude operária Cristã (JOC). O método foi incorporado a encíclica do Papa João XXIII e utilizado pela pastorais, principalmente nos movimentos de educação popular no Brasil.

⁶Bebida vegetal feita da união de Mariri com a Chacrona, com uso de plantas sagradas.

⁷A Jurema é uma planta da espécie da Acácia e suas sementes e folhas são utilizadas em rituais por indígenas do nordeste. Também é utilizada para fazer vinho (Ajucá).



BORGES, J. A.

OS SEGREDOS DO NOSSO ENCANTO - O que a fé cristã pode aprender com as espiritualidades indígenas e negras.

| Resenha

Um outro elemento ressaltado é a organização da teologia negra nos EUA por cristãos negros, com força maior no nome de Martin Luther King. Neste sentido as pastorais negras se territorializam na América Latina e Fermino Luiz dos Santos escreve a letra da música muito entoada (Negro nagô). Além desta música, outras foram surgindo em diálogos com a diversidade, com letras mais populares (O povo de Deus-Zé Ketí) que dialogavam com os pobres e com as culturas negras, no que foi denominado de Teologia da Libertação.

A segunda parte “Discernir” mostra como o aprofundamento teológico era desenvolvido nos trabalhos eclesiais por meio da escuta, da participação popular, do diálogo e nas mais diversas formas de expressão da espiritualidade. As festas e comidas foram lembradas, como parte das tradições africanas e indígenas. Nesta parte Marcelo Barros comenta sobre o papel fundamental das pastorais durante a pandemia da Covid no Brasil no combate a fome.

Marcelo Barros elege os terreiros como espaço de saber, do sagrado que extrapola os muros do Candomblé, e sua forma de viver e se organizar ganha dimensões em áreas quilombolas, nas periferias e em diferentes espaços com traços comunitários. O que expressa o poder da religiosidade para além do sagrado. O cuidado com as plantas nos terreiros, o encontro com o outro, e os próprios instrumentos e místicas destes espaços que passam a adentrar a igreja.

Outras questões são levantadas, por exemplo, a valorização dos mais velhos, tanto na cultura indígena quanto negra, o respeito forte aos antepassados, as raízes, os traços de união, tudo isso são elementos os quais a cultura branca precisa refletir e aprimorar no aprendizado com estas culturas. A ideia de que o “Jesus crucificado” estava no outro, entre os pobres, marginalizados, negros e índios, fizeram parte de um amadurecimento teológico para que a igreja caminhasse em novas perspectivas, o que o autor chama também de decolonialidade da Cristologia, o que para o autor pode ser considerado também uma desocidentalização da fé.

A partir deste momento e deste olhar Jesus deixa de ter a exclusividade de “o único filho de Deus”, e o Deus se faz sertanejo, se faz índio, se faz mulato. Nesta narrativa, tão necessário em um momento histórico e político da década de 1980/1990 o país vivia um período de abertura pós ditadura e enfrentava muito problemas sociais. E as pastorais foram fundamentais para reforçar as principais pautas de luta e de demandas sociais que a população enfrentava, temas que foram denunciados inclusive em reportagens a partir das ações de várias pastorais como a exemplo da pastoral da fome⁸ e da criança, que estiveram presentes em 21 países, a última sob a frente de Zilda Arns que desenvolveu um trabalho de grande valia contra a desnutrição no Brasil, mostrado no Fantástico e no Globo repórter.

⁸Na década de 1990 o sociólogo Herbert de Souza (Betinho) exerceu um trabalho em parceria com a CNBB e foi autor da frase “quem tem fome, tem pressa.” Suas ações inspiraram programas importantes como a FAO e a luta pela segurança alimentar no mundo. Faleceu de Aids em 1997. (cnbb.org.br)



BORGES, J. A.

OS SEGREDOS DO NOSSO ENCANTO - O que a fé cristã pode aprender com as espiritualidades indígenas e negras.

| Resenha

Nesta etapa, Marcelo Barros delinea o percurso de historicização do pentecostalismo, e sua origem ainda no século XIX, com a igreja metodista na Inglaterra e nos EUA sob orientação do pastor Charles Fox Parham. A explosão do pentecostalismo se deu com o pastor negro William Seymour em Los Angeles, ele era proibido de participar da escola bíblica por ser negro. No Brasil a igreja assembleia de Deus, em 1880 é fundada pelo pastor Vingren e sua esposa, Frida Vingren. Houve exceções do engajamento político do pentecostalismo, a exemplo do Chile e de alguns países africanos. A ideia do Espírito Santo agir na vida de cada um é o que rege estas igrejas, bem como a Teologia da prosperidade que ganha força com o neopentecostalismo da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-RJ) e a Igreja Mundial do poder de Deus (1998-SP), nas figuras dos pastores Edir Macedo e Valdemiro Santiago.

Nesta interessante discussão feita pelo autor Marcelo Barros, sobre o pentecostalismo ele afirmou: “são igrejas mais centralizadas do que o catolicismo romano tradicional. E toda sua teologia se baseia nos valores do capitalismo que oprime a África há séculos.” No Brasil, o fato da política e religião estarem combinadas e estes pastores serem uns dos nomes dos homens mais ricos do país, denota como a riqueza construída a partir da exploração de fiéis é resultado de crença ingênua das pessoas em um “Deus que de promessas e ilusões”, o “Deus do Capital”, como diria os estudiosos da Teologia da Libertação. O autor fecha com chave de ouro sua escrita problematizando estas questões nos leva a refletir sobre a atuação do neopentecostalismo no mundo e como as igrejas exercem domínio, fascínio e são capazes tanto de libertar quanto de oprimir e enganar as pessoas. Além é claro, do papel reprovável de rotular, condenar e colocar como figuras demoníacas e doentes as pessoas homossexuais.

Na terceira e última parte da obra “Agir” é acoplado ao texto os apêndices de documentos, as cartas e as ações escritas produzidas no interior da igreja católica, além de trechos do evangelho, as letras de músicas que colocam em pauta as temáticas abordadas até o presente momento nesta resenha da obra. Neste último capítulo os desafios ecossociais aparecem como marcos importantes dentro das propostas e vivências indígenas e coadunam com o momento atual a qual a sociedade busca resposta para o caos ambiental em que o mundo se encontra.

Deste modo, passamos a régua nos elementos principais abordados pelo autor, e indicamos a leitura para os curiosos e adeptos das leituras sobre religião, religiosidade, espiritualidade, teologias e indicamos a leitura tranquila e convidativa escrita por Marcelo Barros. Podemos dizer que “os segredos do nosso encanto” de fato encanta vossos leitores. A leitura também pode ser realizada por aqueles que não se afeiçoam com nenhuma religião, mas que gostam de buscar conhecimento e levar para suas práticas cotidianas.



BORGES, J. A.

OS SEGREDOS DO NOSSO ENCANTO - O que a fé cristã pode aprender com as espiritualidades indígenas e negras.

| Resenha



Submissão: 05 de julho de 2025

Avaliações concluídas: 31 de julho de 2025

Aprovação: 03 de Agosto de 2025

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

BORGES, Joyce de Almeida. OS SEGREDOS DO NOSSO ENCANTO - O que a fé cristã pode aprender com as espiritualidades indígenas e negras. Revista Temporis (ação): periódico acadêmico de conexões multidisciplinares em Educação e Ensino da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 25, N. 02, p. **01-07**, jul./dez., 2025. Disponível em: [http://www.revista.ueg.br/index <.php/temporisacao/issue/archive>](http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive)

Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >